graciliano ramos VERSUS Octávio de Faria.

o confronto entre autores
“sociais” e “intimistas” nos anos
mil novecentos e trinta

*Thiago Mio Salla**

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de recuperar e discutir alguns elementos concernentes a certa polêmica ocorrida em 1937, envolvendo os escritores Graciliano Ramos e Octávio de Faria, da qual também tomou parte Jorge Amado. Tal controvérsia ocorre num momento de polarização política e ideológica no qual se confrontavam duas perspectivas divergentes de conceituação do romance nacional, que procuravam se afirmar: a “social”, praticada, sobretudo por escritores nordestinos, e a intimista, de orientação católica, focada em dramas individuais. A partir da análise dos textos de época, procurar-se-á examinar os diferentes matizes que nortearam esse embate, que dominou o meio literário brasileiro até a instauração do Estado Novo.

dossiê polêmicas
literárias

* Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social pela Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) e Bacharel em Letras (FFLCH/USP) e em Jornalismo (ECA/USP). Contato: tmsall@gmail.com.

Palavras-chave: Graciliano Ramos; Octávio de Faria; Jorge Amado; romance social; romance intimista.

Abstract

This article aims to retrieve and discuss some facts related to one literary controversy occurred in 1937, involving the writers Graciliano Ramos and Octávio de Faria, which also took part Jorge Amado. This controversy comes at a time of political and ideological polarization in which two divergent perspectives of the novel conceptualization fight among themselves looking for statement: the “social novel”, practiced, especially by writers from the Northeast, and the “intimist novel”, focused on individuals dramas with catholic orientation. From the analysis of the texts of the time, we intend to examine the different questions that guided this clash, which dominated the national literary establishment until the beginning of the Brazilian Estado Novo.

Keywords: Graciliano Ramos; Octávio de Faria; Jorge Amado; social novel; intimist novel.

Introdução

Segunda metade dos anos 1930. À esquerda, autores nordestinos, favoráveis ao romance proletário e à representação documentária das mazelas do interior do país. À direita, os ditos romancistas intimistas, em geral, de orientação católica, que radicalizavam o interesse pelo indivíduo, com destaque para produção de dramas centrados em personagens pertencentes à burguesia urbana dos grandes centros. Os dois lados se digladiavam, segundo Antonio Candido, sob o pano de fundo de crescimento do mercado livreiro, no qual as editoras eram “cada vez mais receptivas aos autores integrados nas tendências do momento”¹. Se o “romance do Norte” desfrutava de certa hegemonia até a primeira metade da década, convertendo-se, inclusive,

em moda literária, em seguida atravessará uma fase de esgotamento e de críticas por parte dos adeptos do “romance psicológico”. É nesse cenário de embates acirrados entre uma e outra tendência que, em 1937, tomou corpo a polêmica envolvendo Graciliano Ramos e Octávio de Faria.

Logo depois de sua saída do cárcere, em janeiro de 1937, Graciliano decide se fixar no Rio de Janeiro e dedicar-se à carreira literária. Ao mesmo tempo, como forma de completar o orçamento, passa a escrever contos, crônicas e artigos para inúmeros periódicos cariocas². Em tais textos, sobretudo naqueles produzidos em seus primeiros meses de liberdade, volta sua artilharia contra os ataques sofridos pelo romance nordestino, de viés social e documentário, empreendidos por críticos afeitos ao romance intimista. Essa orientação predomina em “O fator econômico no romance brasileiro”, longa análise da produção literária nacional, publicada na revista *Observador Econômico e Financeiro* e, principalmente, em “Norte e Sul”, escrito ligeiro estampado no 1º Suplemento do *Diário de Notícias*, que circulava aos domingos na capital federal.

Ambos os textos mencionados datam de abril de 1937. No segundo deles, apesar de não citar nomes, Graciliano parece fazer referência ao polêmico “Excesso de Norte”, artigo no qual Octávio de Faria, dois anos antes, condensara e sistematizara seu repúdio às produções dos autores nordestinos, bem como a outros escritos mais recentes deste mesmo crítico, que insistentemente tinham o objetivo de rebaixar os romances engajados de Jorge Amado entre outros: “Ora, nestes últimos tempos surgiram referências pouco lisonjeiras às vitrinas onde os autores nordestinos arrumam facas de ponta, chapéus de couro, cenas espalhafatosas que existem realmente e são recebidas com satisfação pelas criaturas vivas”³.

Graciliano faz duros ataques ao romance psicológico, tachando-o ironicamente, como se verá com mais

detalhes, de reles “espiritismo literário”, desconectado da vida e dos problemas do país. Não por acaso, Octávio de Faria, crítico que se convertera no mais ferrenho opositor dos romancistas do Norte e, por conseguinte, na principal ponta de lança dos intimistas, é quem se habilitará a redarguir, sem muito tardar, ao autor de *Angústia*. No longuíssimo “O defunto se levanta”, artigo publicado um mês depois, em maio de 1937, no carioca *O Jornal*, Faria responde de maneira direta e circunstanciada à crônica “Norte e Sul” de Graciliano. Partindo de sua visão elitista absolutista do fenômeno artístico, adota uma postura crítica superior, carregada a um só tempo de ironia e condescendência⁴ para refutar os argumentos do escritor alagoano e, uma vez mais, rebaixar o romance nordestino enquanto “tapeação ou propaganda de ideias sociais”⁵.

Ao longo de 1937, depois de ter atacado o romance dito psicológico e recebido a dura resposta de Octávio de Faria, Graciliano reduz o tom dos questionamentos, mas continua alfinetando de maneira indireta, vez por outra, os autores ditos “intimistas” em seu trabalho rotineiro como crítico literário. Faria, por sua vez, insiste ainda em malsinar a produção dos nordestinos, sobretudo o romance proletário a la Jorge Amado, como se pode depreender do artigo “O ódio na literatura nacional”, publicado em julho do mesmo ano no *Boletim de Ariel*. Neste mesmo mês, o polemista ainda viria a publicar *Mundos mortos*, primeiro volume de seu imenso *roman-fleuve Tragédia burguesa*, que consubstanciaria, em termos ficcionais, seus posicionamentos em favor de um romance centrado no homem e não na tematização de particularidades regionais ou da luta de classes⁶.

No entanto, antes de abrandar-se, a polêmica teve um desdobramento “esperado”. Ainda num momento ligeiramente anterior à reconfiguração do campo intelectual posta em prática pelo Estado Novo, que levou à amenização dos ataques entre direita e esquerda, tendo em vista o ideal autoritário de união nacional

imposto; Jorge Amado, o contraponto mais imediato de Octávio de Faria nas fileiras do romance social e proletário, participou do embate contra este autor em duas oportunidades⁷. Primeiramente em “Um romance corajoso”, artigo publicado no *Boletim de Ariel*, em junho de 1937, e, depois, no prefácio de seu romance *Capitães da areia*, no qual, em caráter deliberadamente ofensivo, qualifica os romances intimistas de vã “masturbação intelectual”.

Opiniões divergentes de um mesmo crítico

Com o objetivo adensar a discussão, convém recuar até o final de 1933, quando Octávio de Faria, autor até então de dois livros de orientação fascista⁸, publica a série de artigos “A resposta do Norte”, estampada no periódico *Literatura*, dirigido por Augusto Frederico Schmidt e Sabóia Medeiros⁹. Neste momento, aquele que viria a ser o principal opositor dos romancistas nordestinos, saúda com grande otimismo e entusiasmo a safra de romances advinda da porção setentrional do país. Segundo ele, os livros de José Américo de Almeida, Rachel de Queirós, José Lins do Rego, Jorge Amado e Amando Fontes deveriam ser tomados como uma réplica à solicitação feita por Tristão de Athayde, numa crônica de 1927, intitulada “Norte-Sul”:

É preciso que o Ceará se compenetre da tradição literária que recebeu e que não se esqueça de que sempre esteve entre os da frente nos movimentos de criação literária, no século XIX. Que Pernambuco, que a Bahia, que o Maranhão, que Sergipe, que todos os Estados de onde, no século passado desciam para a capital do país as vozes da renovação literária, participem do movimento atual, que em São Paulo e no Rio (...) está iniciando uma nova era para as nossas letras¹⁰.

Segundo Faria, que chegaria a afirmar que o movimento modernista jamais teria existido²¹, era preciso que a “literatura de destruição”, professada pelos jovens de 1922, desaparecesse das preocupações dos homens de talento para que uma nova “literatura de criação” pudesse florescer. Para o crítico, tal movimento de transição teria sido instaurado pelos romancistas nordestinos de 1930 e um novo horizonte se descortinava para a literatura nacional:

A resposta está aí, insisto: – esses romances de algum modo notáveis, verdadeira “fala” do Norte, testemunho, documento, expressão de si mesmo, da sua realidade mais profunda e do que há de mais moderno na nossa literatura – e também, convenhamos, do que se encontra de melhor, do que se produziu de mais interessante entre nós, nesses últimos anos, no domínio do romance²².

Contudo, ao longo dos dois anos seguintes, a opinião do crítico mudou drasticamente. Se antes ele afirmava que os romancistas nordestinos conseguiriam superar o puramente “regional” e dar uma impressão forte do “drama que o homem vive – do drama que o homem é”, depois lhes acusará de produzir não romances, mas tão somente “geografia ou propaganda ideológica romancada”, na medida em que teriam passado a subordinar o gênero a fins determinados, mediante uma profusão de “concessões, traições, não raro mesmo simples meios de substituição literária”²³.

Conforme explicita em “Excesso do Norte”, texto crítico de enorme repercussão nos anos 1930²⁴, “o romance seria o homem”. Daí pressupor que o gênero não poderia ser reduzido ao documentário ou à propaganda ideológica. Segundo ele, o enraizamento e o característico deveriam ser mostrados por meio do indivíduo, “enquanto elementos do destino dos homens cujas vidas estão sendo seguidas”²⁵. Nesse sentido, conclui

que o social não poderia tomar o lugar do psicológico; o político, do ontológico e que, portanto, os limites da reação do Norte teriam sido extrapolados:

E o resultado foi bem triste: uma avalanche de testemunhos vindos do Norte e Nordeste, todos eles se pretendendo romances, mas na maioria dos casos simples depoimentos sobre a mediocridade literária nacional. De modo que não resta mais dúvidas hoje em dia: confundiu-se tudo, as noções certas que pareciam estar firmadas foram inteiramente por água abaixo. Confundiu-se romance com testemunho, com obra educacional, com geografia, com história, com propaganda (nacional e antinacional), com pornografia, com vinte e tantas outras coisas. Escreveram-se romances realmente? Salvando um ou outro creio que não se possa responder que sim...²⁶.

Segundo Bueno, a mudança radical de orientação de Faria estaria relacionada à recusa, por parte do crítico, da hegemonia alcançada pelo romance social, bem como ao crescimento e à cristalização da polarização entre a referida literatura documentária de caráter proletário realizada, sobretudo, pelos nordestinos; e a literatura intimista, de matiz católico, defendida pelo próprio autor da *Tragédia Burguesa*. Não por acaso, ao mesmo tempo em que rebaixava o romance do Norte, o iracundo articulista destacava algumas obras que teriam passado despercebidas pela crítica, “porque não vinham no sentido da mania do momento”. Como se procurasse cavar espaço no terreno intelectual dominado por José Lins, Jorge Amado, entre outros, cita *Em surdina*, de Lúcia Miguel Pereira, *Salgueiro*, de Lúcio Cardoso e *O inútil de cada um*, de Mário Peixoto, títulos preteridos pela crítica uma vez que não se pautavam pelo pitoresco e pelo testemunho das mazelas do interior do país.

Nos anos subsequentes, Faria continuou a desempenhar a dupla tarefa de militar em favor do romance psicológico e de denunciar aquilo que julgava como “burrismo literário” do romance social e proletário. Em “Mensagem post-modernista”, artigo dedicado a realizar um balanço do modernismo, saído em 1936, em número de *Lanterna Verde*, (boletim da Sociedade Felipe d’Oliveira) ele não só repudia o “exagero do característico e do regional” das produções nordestinas, como sinaliza o avanço da reação a tal tendência sociológica até então prevalecente nas letras nacionais. Destaque para autores que procuraram consciente ou inconscientemente, “colocar tudo em função do drama humano, e que não se esqueceram nunca de que o romance é história de destinos, de casos individuais, não de regiões geográficas ou lutas sociais”²⁷. Com o objetivo de apontar o crescimento do grupo intimista, aos nomes de Lúcia Miguel Pereira, Lúcio Cardoso e Mário Peixoto, já indicados, acrescenta os de Barreto Filho, José Geraldo Vieira e Cornélio Pena, autores, respectivamente, de *Sob o olhar malicioso dos trópicos*, *A Mulher que fugiu de Sodoma* e *Frenteira*.

Em janeiro de 1937, no texto “Emílio Moura e Minas Gerais”, publicado no *Boletim de Ariel*, Octávio de Faria mantém o tom beligerante habitual. Todavia, abdica da postura deliberadamente ofensiva, passando a adotar uma posição superior, como se tivesse sido sacramentada uma suposta vitória do grupo intimista. O eixo da literatura nacional teria sido deslocado do Norte para o Centro:

Com o relativo fracasso da avançada dos escritores do Norte, ou digamos melhor: com a sua progressiva transformação de movimento puramente literário em movimento de documentação sociológica, o centro de gravidade de nossa literatura como que se deslocou sensivelmente para o Centro. E, na verdade, o que mais caracterizou o ano literário

transcorrido foi a afirmação dos escritores mineiros na vanguarda da nossa produção de interesse¹⁸.

Faz referência especificamente a Lúcio Cardoso e a Cornélio Pena, bem como aos poetas Emílio Moura, Murilo Mendes, Abgar Renault, Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava. Em meio a esse grupo de artistas mineiros, aponta apenas um intruso: Graciliano Ramos de *Angústia*, “romancista de inegável poder”. Não por acaso, Faria valoriza, justamente, a obra na qual o escritor alagoano, de esquerda, mais se aproximou das experiências dos autores católicos, sobretudo no que diz respeito à “introspecção exercitada em vertiginosa profundidade”²⁹. Realmente, o drama de Luís da Silva permitia leituras que, mesmo indiretamente, o aproximavam do romance intimista. Peregrino Júnior, por exemplo, exalta a verticalidade do artista: “A não ser Machado de Assis, nenhum outro romancista no Brasil, conseguiu jamais mergulhar tão fundo nas secretas sombras da alma humana”²⁰.

A esquerda, por sua vez, percebera o aparente desvio de rota da produção ficcional de Graciliano com a publicação de *Angústia*. O jornalista, escritor e militante do PCB, Aydano Couto Ferraz, apesar de louvar a obra, destaca que o artista alagoano não teria ganhado nada ao abandonar o romance de costumes, na linha de *Caetés*, muito pelo contrário. “Porque o romance psicológico não é o romance do grande público no Brasil. E um escritor como o autor de *Angústia*, que, pretende, ao menos agora, escrever para o povo, deve voltar, mesmo que temporariamente, ao romance de costumes, gênero de ficção mais próprio para documentar os antagonismos sociais”²¹.

“Espiritismo literário” versus “panfleto romanceado”

Talvez, como forma de dar uma resposta afirmativa aos que supunham que ele poderia ter mudado de lado,

Graciliano, a partir de sua saída da prisão, passará a adotar outra estratégia a fim de valorizar e consolidar a vertente nordestina de romance da qual partilhava. Se, no começo da década, procurava fazer comparações entre seus companheiros de geração e literatos do passado com o intuito de rebaixar o protocolo romântico, bem como criticar os modernistas de 1922 com o propósito de afirmar-se²², seu objetivo torna-se outro depois de 1937: contrapor os escritores com os quais construíra afinidades (principalmente José Lins do Rego, Jorge Amado e Rachel de Queirós²³) aos adeptos do dito romance intimista, de influência católica, que ganhavam destaque no meio literário naquele momento. Obviamente, realizará a defesa dos primeiros e rebaixará os segundos. Estes praticariam, conforme diz, uma espécie de “espiritismo literário”, uma vez que deixariam de lado a tematização do que se supunha ser a “realidade” do país (a referida “cor local”), sobretudo aquela encontrada no interior brasileiro, para se focarem em dramas introspectivos, burgueses e citadinos.

Tal julgamento já aparecia em “O fator econômico no romance brasileiro”, um de seus primeiros textos publicados após sua saída da prisão, na revista carioca *Observador Econômico e Financeiro*, em abril de 1937²⁴. Nele, o cronista desenvolve uma leitura crítica da produção dos romancistas nacionais, destacando que boa parte desta seria marcada tanto pela ausência de uma observação cuidadosa dos acontecimentos, como pelo desprezo por dados econômicos. Mais especificamente, questiona a preferência crescente por dramas individuais, considerados abstratos e arbitrários, bem como distantes do que supunha ser os reais interesses e anseios da coletividade: “Acontece que alguns escritores se habituam a utilizar em romance apenas coisas de natureza subjetiva. Provavelmente há o receio de que, sendo comércio e indústria, oferta e procura, etc. vistos muito de perto, a questão social venha à baila” (p.366). Particularizando seu argumento, repudia o que chama de lirismo “vazio” e “fantasmagórico” de tais autores

intimistas, que, por deixar de lado a suposta concretude dos fatos, acabaria resultando numa análise de cima para baixo da sociedade. Para o narrador, tais omissões afetariam a “verdade” e “autenticidade” dos textos:

Os romancistas brasileiros, ocupados com política, de ordinário esquecem a produção, desdenham o número, são inimigos de estatísticas. Excetuando-se as primeiras obras de José Lins do Rego e as últimas de Jorge Amado, em que assistimos à decadência da família rural, queda motivada pela exploração gringa sobre os engenhos de banguê e as fazendas de cacau, o que temos são criações mais ou menos arbitrarias, complicações psicológicas, às vezes um lirismo atordoante, espécie de morfina, poesia adocicada, música de palavras (p.363).

De certa maneira, em sua produção jornalística, Graciliano julgava que “números” e “estatísticas”, ao lado de dados de caráter sociológico, consubstanciavam a própria “realidade”, ou seja, considerava que essas informações não apresentavam o estatuto de mediações simbólicas, mas sim de traduções diretas do próprio mundo. Nesse sentido, o romance, enquanto gênero que visava à redescoberta e ao estudo do país, não poderia deixar de lado a “objetividade”, expressa por tais conhecimentos, para fiar-se tão somente em abordagens de cunho introspectivo e individual. O autor exemplifica: “Quando um negociante toca fogo na casa, devemos procurar o motivo deste lamentável acontecimento, não contá-lo como se ele fosse um arranjo indispensável ao desenvolvimento da história que narramos.” (p.368). Dessa maneira, o escritor alagoano subentende que a estória deveria subordinar-se ao que chama de “real”, ou seja, àquilo que entende como preexistente a qualquer formulação. Ao invés de comportar-se como um deus que tira “criaturas vivas da cabeça”, caberia ao romancista encontrar o fundamento

para estas no próprio “mundo objetivo”. Ele deveria compor tipos que se comportassem “como toda a gente”.

Para tanto, no tratamento das matérias nacionais, os escritores deveriam obedecer a certa perspectiva “científica”. Cabia-lhes deixar de lado paixões e apriorismos que pudessem interferir na observação das “verdades” supostamente inscritas na natureza:

... a obrigação do romancista não é condenar nem perdoar a malvadez: é analisá-la, explicá-la. Sem ódios, sem ideias preconcebidas, que não somos moralistas. Estamos diante de um fato. Vamos estudá-lo friamente. Parece que este advérbio não será bem recebido. A frieza convém aos homens de ciência. O artista deve ser quente, exaltado. E mentiroso. Não sei por quê. Acho que o artista deve procurar dizer a verdade. Não a grande verdade, naturalmente. Pequenas verdades, essas que são nossas conhecidas (p.369-370).

Graciliano toma as obras que deixavam de lado o estudo “frio” do país e de sua coletividade, para privilegiarem dramas subjetivos, como manifestações do que chama de “espiritismo literário”, em alusão irônica ao moralismo católico dos autores intimistas, produtores de “uma confusa humanidade só de almas”. A definição de tal categoria ganha corpo na crônica “Norte e Sul”, publicada também em abril de 1937, no carioca *Diário de Notícias*. Nela, o artista torna ainda mais explícita sua defesa do romance social, bem como o rebaixamento do romance psicológico, assumindo, assim, um posicionamento crítico diametralmente oposto ao de Octávio de Faria, sem perder, contudo, o mesmo tom combativo e polêmico de seu opositor²⁵.

Nesse sentido, o autor de *Angústia* argumenta que a antiga separação geográfica entre os escritores nortistas e sulistas não seria correta. Segundo ele, a divisão mais produtora seria entre pessoas que “gostam de escrever sobre coisas que existem na realidade” (os realistas críticos e documentais) e outras que “preferem tratar de fatos existentes na imaginação” (os escritores tachados de intimistas). A oposição entre verdade e imaginação, num tom de manifesto, funciona como procedimento narrativo para defender e elevar os romances nordestinos que, cada vez mais, estariam sendo alvos de referências pouco lisonjeiras (fundamentalmente aquelas advindas da pena de Octávio de Faria) e depreciar os títulos dos autores considerados introspectivos:

Os inimigos da vida torcem o nariz e fecham os olhos diante da narrativa crua, da expressão áspera. Querem que se fabrique nos romances um mundo diferente deste, uma confusa humanidade só de almas, cheias de sofrimentos atrapalhados que o leitor comum não entende. Põe essas almas longe da terra, soltas no espaço. Um espiritismo literário excelente como tapeação. Não admitem as dores ordinárias, que sentimos por as encontrarmos em toda parte, em nós e fora de nós. A miséria é incômoda. Não toquemos em monturos (p.192).

Com ironia, Graciliano aponta que os refinados e sensíveis autores intimistas não só não toleravam a “verdade” inconveniente das mazelas nacionais, preterindo a “imagem da fome” e o “palavrão obsceno”, como não suportavam o fato de o romance social desfrutar da preferência dos leitores. “E o que é mais desagradável, e também verdade, é reconhecer que, apesar de haver sido muito xingada essa literatura, o público se interessa por ela” (p.193). Considera, portanto, que o brasileiro estaria mais interessado em obras que oferecessem

personagens “críveis” e “reais” dentro da proposta do realismo documental, presente nas obras de José Lins, Jorge Amado e Rachel de Queirós, algo confirmado pelo próprio mercado livreiro, sobretudo no caso dos autores de *Menino de engenho* e *Suor*. Ao mesmo tempo, parece recuperar o argumento da esquerda, visto acima na fala de Aydano Couto Ferraz, de que o romance psicológico, além de produzir um interesse restrito na audiência, não se prestava à representação das questões e dilemas sociais brasileiros, muito pelo contrário, evadia-se delas.

Para enfocar mais especificamente o suposto fato de que os romancistas intimistas estariam longe de contar com grande simpatia e receptividade dos leitores e, por isso, partiriam para o ataque contra o bem-sucedido e “inconveniente” romance do Norte, Graciliano lança mão de uma metáfora comercial: “O fabricante que não acha mercado para o seu produto zanga-se, é natural, queixa-se com razão da estupidez pública, mas não deve atacar abertamente a exposição do vizinho. O ataque feito por concorrente não merece crédito, o consumidor desconfia dele” (*Idem*, p.192). Ao destacar o caráter interessado da crítica realizada pelos desgostosos intimistas, bem como a desconfiança que tais agressões provocavam no leitor, Graciliano recupera as críticas negativas ao romance nordestino, feitas, sobretudo, por Octávio de Faria, num momento em que este passava de simples crítico literário a romancista. *Mundos mortos*, romance que dava início à *Tragédia burguesa* projetada pelo autor, fora lançado no mesmo ano da instauração da presente polêmica.

Como se carapuça tivesse lhe servido, Octávio de Faria não demora em rebater os ataques desferidos por Graciliano. Sem saber se fora designado tácita ou explicitamente pelo autor de *Angústia*, um mês depois, em maio de 1937, Faria publica o longo artigo “O defunto se levanta”, nas páginas de *O Jornal*. Trata-se de uma resposta direta, particular e circunstanciada ao artigo

“Norte e Sul”, na qual o autor de *Mundos mortos* também retoma seu texto anterior, “Excesso de Norte”. Este, como vimos, teria suscitado grande polêmica no momento em que fora veiculado, na medida em que nele o autor sistematizara seu repúdio ao romance de matiz proletário, produzido, em geral, por autores nordestinos. Opera, assim, um processo de contextualização que procura enquadrar a polêmica, ora reinstalada, no *continuum* de embates entre nordestinos e intimistas ao longo da década de 1930:

Ingênuos, certamente muito ingênuos, os que, como eu já julgavam definitivamente encerrada e esquecida a questão dos “romancistas do Norte” que há algum tempo atrás tantos equívocos produziu e a tantas e tão hábeis pequenas explorações se prestou, graças a pouca compreensão de uns, à desonestidade literárias de outros e ao enorme potencial de regionalismo nordestino, que havia no ar sem que ninguém mesmo suspeitasse de sua existência. Ao toque de alarme responderam logo todas as sensitivas do Norte, desde as mais respeitáveis celebridades a caminho das festas de coroação até os mais tolos articulistas das revistas proletarizantes do momento. Depois, como, verdadeiramente, a matéria não se prestava a mais confusões e deturpações, calaram-se os pequenos Don Quixotes do Norte ofendido e os provinciais canhões do 3º regimento ensurdeceram, junto com os tímidos vagidos da nossa absurda literatura proletária, a infeliz e tendenciosa questãozinha literária: Norte e Sul²⁶.

Antes de partir deliberadamente para o contra-ataque, Faria faz duas ressalvas que procuram conferir isenção crítica aos seus posicionamentos. A primeira diz respeito ao fato de se sentir à vontade para criticar os deslizes dos autores do Norte, pois antes mesmo de que

Graciliano publicasse *Caetés*, ele fora “um dos que com mais entusiasmo e confiança” os teria saudado. Invo-cando certa imparcialidade, julga que ninguém poderia lhe acusar de má-vontade ou partidarismo contra o romance social nordestino. Pretende, dessa maneira, colocar-se acima da polarização político-literária, da qual ele próprio era um dos principais agitadores.

A segunda ressalva refere-se à sua relação com o trabalho artístico de Graciliano. Por mais que não se colocasse entre os admiradores incondicionais do autor alagoano, entre aqueles que o consideravam como o “mais legítimo de nossos escritores”, toma-o como um dos melhores romancistas brasileiros, artista “feito e seguro de si, com uma das mais fortes capacidades de se exprimir plena e integralmente”²⁷. Mais especificamente, faz menção à força de *Angústia*, já ressaltada anteriormente, bem como a capacidade de Graciliano como “conteurs”, aludindo à publicação do conto “Baleia”, no domingo anterior, no mesmo *O Jornal* em que estampava agora sua crítica.

Tal resposta de Octávio de Faria vem no mesmo mês em que o romance *Angústia* fora agraciado com o Prêmio Lima Barreto, conferido pela *Revista Acadêmica*, publicação que também dedicara a Graciliano um número especial com treze artigos e notas sobre sua obra, escritos por, entre outros, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Jorge Amado, Rubem Braga e Carlos Lacerda (este sob o pseudônimo de Nicolau Montezuma). A figura do grande romancista alagoano, já parcialmente consolidada pela crítica antes de sua prisão, robustece-se ainda mais no cenário literário nacional mediante tal gesto galardoador do periódico esquerdista.

Apesar do reconhecimento alcançado pelo escritor alagoano no meio literário, Faria não se furtará a apontar a “superficialidade de julgamentos” e a “má informação” de Graciliano na crônica “Norte e Sul”. Em linhas gerais, o crítico carioca trata a separação binária da literatura

brasileira em termos geográficos como um assunto que já tivesse sido enterrado e que assim devia permanecer. Daí lançar mão do título metafórico “O defunto se levanta” para fazer remissão ao caráter acabado e baldado do assunto que o autor de *Angústia* se propunha a retomar. Ao mesmo tempo, investe ironicamente contra a maneira rasteira pela qual este teria separado os “pudibundos metafísicos” e as vozes “verdadeiras” dos nordestinos:

Tamanha simplificação das coisas, tamanha recusa à compreensão da natureza do verdadeiro material do romance, a admitir a possibilidade da liberdade de criação literária, tamanha obstinação em limitar o romance à narração dos casinhos de vida cotidiana do interior do Brasil, já catalogados pelos nossos sociólogos, tamanha ojeriza à ideia de que exista em certas criaturas o monstro reacionário conhecido pelo nome de alma, com problemas próprios e sutilezas irredutíveis ao econômico puro, tamanho apertado da visão, espantam realmente no autor de contos tão bons, de um romance de qualidade tão segura, num autor que por tantos outros lados merece o nosso respeito e a nossa consideração²⁸.

Após reprovar a reedição das “mesmas tolices de anos atrás” que se diziam sobre a questão Norte-Sul, Faria investe contra a caracterização da produção dos autores intimistas como “espiritismo literário”, tendo como base a suposta incompreensão, por parte de Graciliano, da “natureza do verdadeiro material do romance”. Mais do que explicitar a definição do gênero, como se poderia supor a primeira vista, o crítico se deterá na recusa do que chama de “falso romance”, no qual prevaleceriam dados sociológicos, geográficos e pitorescos, bem como a propaganda esquerdista, em oposição à “verdadeira literatura”, algo que apenas paira no ar, pois não é elucidado por Faria neste momento.

Contudo, em outros momentos de sua produção como articulista, o autor de *Mundos mortos* explicita um pouco mais seus posicionamentos. Como visto, em “Excesso de Norte”, pontua que a literatura deveria dar “testemunho do homem” ou ainda que “o romance seria o homem”, daí não poder ser reduzido ao documentário ou à propaganda ideológica. Assim, pontua que a obra de arte deveria privilegiar o ontológico e a análise psicológica, em detrimento da simples narração “dos casinhos de vida cotidiana do interior do Brasil”. Nesse sentido, indispõe-se diretamente contra a ojeriza de Graciliano em admitir a existência do “monstro reacionário conhecido como alma, com problemas próprios e sutilezas irredutíveis ao econômico puro”²⁹. Em “Mensagem post-modernista”, o crítico já mostrara sua predileção por uma

(...) Literatura escrita com maiúscula que indica não se tratar mais de um divertimento, nem da conquista de posições literárias ou da fundação de escolas, mas da expressão do que há de mais essencial na vida de determinados indivíduos superiores – do que há portanto de mais sagrado e de mais alto na escala de valores espirituais³⁰.

Em oposição ao prosaísmo e à cotidianidade reivindicada pelos modernistas, afirma que as obras literárias deveriam valorizar o “sublime”, o “eterno”, o “excepcional”³¹, algo que, por sua vez, também o contrapunha ao materialismo e ao regionalismo literários defendidos por Graciliano Ramos em seus textos jornalísticos. Segundo ele, os romances deveriam privilegiar o exame da vida moral dos indivíduos e não a evolução econômica dos países, das províncias, dos núcleos de povoação.

Conforme explica Faria, a reação à tendência sociológica expressa pelo romance nordestino desenhou-se em obras que procuraram, “consciente ou

inconscientemente”, tomar o “drama humano” como seu eixo fundamental, partindo do pressuposto de que o gênero se pautaria pela apresentação de casos individuais, da história de vários destinos e não de regiões geográficas ou lutas sociais. Nesse sentido, com o intuito de ratificar a força literária do grupo do qual se colocava como a principal voz, em claro gesto político, novamente confere valor às produções de Lúcio Cardoso, Cornélio Pena, Barreto Filho, Mário Peixoto, José Geraldo Vieira e Lúcia Miguel Pereira, autores daquilo que “melhor se produzia no momento”.

Fecha o texto com o mesmo tom irônico do início, mas valendo-se de certa amenidade e superioridade: “Deixemos, pois os defuntos em paz, sobretudo quando os vivos como o Sr. Graciliano Ramos, oferecem tanto interesse à nossa literatura e ainda estão ricos de tantas possibilidades”³². Nesse sentido, como destacara anteriormente, desqualifica não o romancista Graciliano, mas a suposta infelicidade deste ao retomar uma questão aparentemente morta e despropositada, quando o cenário literário nacional continuava a atravessar um momento de prosperidade, pautado principalmente pela prevalência dos autores intimistas.

Desdobramentos polêmicos enquanto o Estado Novo se avizinhava

Evitando a extensão do confronto, Graciliano não escreve propriamente uma tréplica. Continua a opor o interesse pela “realidade brasileira” dos nordestinos à “humanidade só de almas” dos introspectivos, contudo sua postura torna-se menos insinuante. Em seu texto seguinte, saído no *Diário de Notícias*, em 16 de maio de 1937, propõe-se a exaltar o romance *Caminho de pedras*, de Rachel de Queirós, que segundo ele próprio vinha sendo vítima de ataques “integraloides”³³. Na verdade, mais do que incensar ou preservar a escritora, seu propósito parece ser o de reafirmar os laços que a ligavam ao romance social. Para tanto, ressalta

o novo “mergulho” empreendido pela artista nas mazelas nacionais: “*Caminho de pedras* é uma história de gente magra, uma história onde há fome, trabalho excessivo, perseguições, cadeia, injustiças de toda a espécie, coisas que os cidadãos bem instalados na vida não toleram” (p.195). Paralelamente, procura afastar a autora de *O quinze* de qualquer influência ou possível aproximação do grupo intimista: “Se Rachel de Queiroz houvesse feito o seu livro em conformidade com *certas receitas que andam por aí*, teria emprestado *alma* ao capitão Nonato”³⁴.³⁵

Tal preocupação se justificava. Em “O defunto se levanta”, texto visto acima, Faria não só exaltava os autores introspectivos, algo rotineiro até então, como destacava que a produção ficcional de Rachel de Queiroz, desde *O quinze*, desenvolvia uma suposta curva ascendente, aproximando-se do ideal de romance que ele defendia. Em outras palavras, dá a entender que a escritora estaria mudando de lado, indo mais para o sul, tornando-se intimista³⁶: “... a autora (...) cada vez mais vai se tornando mais romancista, dando-nos mais dela própria, das suas preocupações íntimas... quase mergulhando em cheio nos tais ‘sentimentos atrapalhados’ que, ao ver do articulista, parecem caracterizar os autores-réus de ‘espiritismo literário’.”³⁷

Se Graciliano adota um tom mais ameno, fazendo referências indiretas e pontuais ao caráter etéreo dos intimistas e ao compromisso dos nordestinos com as mazelas nacionais, com o intuito de preservar as hostes do Norte³⁸, seu companheiro e ponta de lança dos romancistas sociais, Jorge Amado, mantém o tom beligerante³⁹. Em “Um romance corajoso”, artigo publicado no *Boletim de Ariel*, em junho de 1937, um mês depois da resposta asoberbada de Faria a Graciliano, o autor de *Jubiabá* exalta o livro proletário *Gado humano* de Nestor Duarte. Nesse processo, argumenta que tal romancista não teria traído o sertão, bem como:

Não fez homens rudes a matutar na existência de Deus em bom português de Lisboa, como querem certos críticos sem público (...). Sei bem que certos cavalheiros que possuem a receita do bom romance (*o psicológico, o arte pela arte, o fora dos problemas sociais, o Misterioso...*) torcerão o nariz diante desse romance corajoso e verdadeiro. Dirão que não há psicologia, profundidade e outras besteiras iguais⁴⁰.

Os designativos “crítico sem público” e “certos cavalheiros que possuem a receita do bom romance” têm referente certo: Octávio de Faria, defensor da “besteira” de que a análise psicológica deveria prevalecer sobre a documentação do mundo nas produções literárias. Segundo Amado, “apesar da dor de barriga que causa aos metafísicos do romance”, seria inegável o quanto o documentário estaria entranhado na obra de arte moderna. Se aqui o articulista procura conferir um caráter de crítica literária a seus ataques, no prefácio de *Capitães de areia*, livro publicado pouco tempo depois, em setembro de 1937, a agressividade sobrepõe-se. O ataque, agora, recai não mais sobre o crítico, mas sim sobre o romancista Octávio de Faria, que dois meses antes publicara *Mundos mortos*, sua obra ficcional de estreia:

Tenho certeza de que não fiz obra de repórter e sim de romancista, como tenho certeza que, se bem meus romances narrem fatos, sentimentos e paisagens baianas, têm um largo sentido universal e humano sem dúvida muitas vezes maior que os desses romancistas escritos em reação aos dos novos romancistas brasileiros e que se distinguem por não aceitarem nenhum caráter local nem social em suas páginas, romances que no fundo não passam de masturbação intelectual, espécie de continuação da masturbação física que praticam diariamente os seus autores⁴¹.

Por mais que não haja explicitamento, o rótulo ofensivo “masturbação intelectual”, impingido aos intimistas, conecta-se imediatamente com o trecho de abertura de *Mundos mortos*. Nas páginas iniciais de tal obra, acompanha-se a inquietação do personagem Ivo, adolescente religioso e aburguesado, que lutava de maneira vã contra a tentação pecaminosa de masturbar-se. Ao privilegiar dramas interiores desse tipo, Faria e seus congêneres deixariam de lado a menção à cor local, às massas, às questões sociais (violência, alienação e miséria da vida sertaneja), enfim, tudo aquilo que Jorge Amado considerava fundamental na produção “dos novos romancistas brasileiros”. E como estes estariam sendo alvos de ataques dos autores de “romances da inutilidade de um pensamento reacionário ou de um misticismo falso”, justificava-se a reação virulenta que, neste caso, descambava para a ofensa pessoal.

Colocados lado a lado, os rótulos “espiritismo literário” e “masturbação intelectual” têm o mesmo propósito de rebaixar a aparente desconexão que haveria entre o romance intimista e a recuperação dos problemas mais prementes da brasilidade. Contudo, enquanto Graciliano lança mão de uma metáfora irônica, que debocha do catolicismo dos autores introspectivos, atribuindo-lhes a pecha de kardecista por eles odiada, Jorge Amado escancara violentamente seu ataque à suposta “infecundidade”, etérea e evasiva, do fazer artístico desses.

Diferentemente do que fizera com Graciliano, Octávio de Faria não rebaterá tais injúrias e afrontas de Jorge Amado. Em posição superior, percebe-se apenas que o autor de a *Tragédia burguesa* continuará a defender seus postulados em torno do romance, que incluem a refutação do romance proletário de orientação marxista e a defesa da análise psicológica. Se o artista baiano advogava que os romancistas, movidos por um “sadio panfletarismo”, deveriam se revoltar “diante da (...) angustiante miséria”, Faria, ao contrário, condenava aqueles que trocariam “a vida da obra de arte pela

capacidade de agir direta e imediatamente sobre as massas, sobre os grandes públicos”⁴².

Tal abrandamento era sintomático. Os ventos políticos estavam mudando naquele final de 1937. Com a instauração do Estado Novo, ameniza-se gradativamente a polarização entre nordestinos e introspectivos, uma vez que os confrontos entre uma e outra facção perdem em intensidade e publicidade⁴³. Trata-se de um momento de reconfiguração do campo intelectual, no qual esquerda e direita foram chamadas a colaborar com o governo autoritário de Getúlio Vargas, interessado em estabelecer um pacto de “união nacional” em torno da “redescoberta do país”, bem ao gosto dos romancistas sociais, e da recuperação do “espírito brasileiro”, eterno essencial constante na agenda dos intimistas.

Prova dessa confluência política, orquestrada pelo tenebroso regime de 1937, poderia ser encontrada na própria trajetória de Graciliano, artista historicamente vinculado à esquerda: depois de publicar *Vidas secas* em 1938, livro exaltado pelos comunistas como “um grito do povo do Nordeste brasileiro, contra as condições semifeudais em que tem vivido”⁴⁴, empresta sua pena ao poderoso Departamento de Imprensa e Propaganda, tornando-se responsável pelos “Quadros e costumes do Nordeste”, textos bem ao gosto da concepção documental e social de literatura que defendia, estampados em *Cultura Política*, principal revista estadonovista. Percebe-se, portanto, que os antagonismos esmaeciam sob o véu tutelar do governo autoritário.

Referências bibliográficas

AMADO, Jorge.“Dois ensaístas”. In: *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, n.9, Ano II, jun., 1933.

_____. “Um romance corajoso”. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, n.9, Ano VI, jun., 1937a.

_____. *Capitães da Areia*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937b.

_____. *Navegação de Cabotagem*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

BUENO, Luís. *Uma História do Romance Brasileiro de 30*. São Paulo: Edusp / Campinas: Editora da Unicamp Campinas, 2006.

CANDIDO, Antonio. “A Revolução de 1930 e a cultura”. In: *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1987.

FACÓ, Rui, “Graciliano Ramos escritor do povo e militante do PC”. In: *Tribuna Popular*, Suplemento de Literatura e Arte, Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1945.

FARIA, Octávio de. “A Resposta do Norte (1ª parte)”. In: *Literatura*, Rio de Janeiro, n.8, Ano I, 20 de outubro de 1933a.

_____. “A Resposta do Norte (2ª parte)”. In: *Literatura*, Rio de Janeiro, n.9, Ano I, 05 de novembro de 1933b., p.3.

_____. “A Resposta do Norte” (3ª parte). In: *Literatura*, Rio de Janeiro, n.10, Ano I, 20 de novembro de 1933c., p.3.

_____. “Jorge Amado e Amando Fontes”. In: *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, n.1, Ano III, jun., 1933 d..

_____. *Dois poetas*. Rio de Janeiro: Ariel – Editora Ltda, 1935 a.

_____. “Excesso de Norte”. In: *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, n.10, Ano IV, jul., 1935 b.

_____. “Mensagem post-modernista”. *Lanterna Verde* (Boletim da Sociedade Felipe d’Oliveira), Rio de Janeiro, n.4, nov, 1936.

_____. “Emílio Moura e Minas Gerais”. In: *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, n.4, Ano VI, jan., 1937a.

_____. “O defunto se levanta...”. In: *O Jornal*, Rio de Janeiro, 4ª seção, 30 de maio de 1937b., p. 1-2.

_____. “O ódio na atual literatura nacional”. In: *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, n.10, Ano VI, jul., 1937c.

_____. *Mundo Mortos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937d.

FERRAZ, Aydano Couto. “Graciliano Ramos, romancista de costumes”. In: *Revista Acadêmica*, Rio de Janeiro, n.27, maio, 1937.

JONHSON, Randal. “Authoritarian fiction: Octávio de Farias’s *Tragédia Burguesa*”. In: *Ideologies and Literature* (journal of hispanic and lusobrazilian literatures), Minneapolis, Univ. of Minnesota, n.1, spring, 1988, 3 vol.

JÚNIOR, Peregrino. “O romance introspectivo de Graciliano Ramos”. In: *Revista Acadêmica*, Rio de Janeiro, n.27, maio, 1937.

LAJETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades / Ed. 34, 2000.

LIMA, Alceu Amoroso. “Norte-Sul”. In: *Estudos (2ª série)*. Rio de Janeiro: Edição Terra do Sol, 1928.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix / Edusp, 1978. 7 vol.

MENDONÇA, Marina Gusmão de. “Imprensa e política no Brasil: Carlos Lacerda e a tentativa de destruição da Última Hora”. 2008. In: *Histórica – revista eletrônica do Arquivo do Estado*, São Paulo, n. 31, jun. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao31/materiao4/>. Acesso em 06 out. 2009.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. et al. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

PEREIRA, Lúcia Miguel.“Pureza”. In: *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, n.8, Ano VI, maio, 1937, p.228.

PERES, Fernando da Rocha; MAIA, Pedro Moacir (org.). *Cartas inéditas de Graciliano Ramos a seus tradutores argentinos Benjamín de Garay e Raul Navarro*. Salvador: EDUFBA, 2008.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1953.

_____. *Memórias do Cárcere*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1954. 3 vol.

_____. *Cartas*. Rio de Janeiro: Record, 1981.

_____. *Linhas Tortas*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. *As cores da revolução. A literatura de Jorge Amado nos anos 30*. São Paulo: Annablume/ Fapesp/ Unicamp, 2009.

SADEK, Maria Tereza Aina. *Machiavel, machiavéis*: a tragédia octaviana. São Paulo: Símbolo, 1978.

SALLA, Thiago Mio. “O fio da navalha: Graciliano Ramos e a revista Cultura Política”. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: vida e obra*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1961.

Notas

- 1
- Antonio Candido, “A Revolução de 1930 e a cultura”, p.191.
- 2
- Entre os quais se encontravam *O Cruzeiro*, *Vamos Ler!*, *Dom Casmurro*, *Revista do Brasil*, *Diretrizes*, *Observador Econômico e Financeiro*, *Diário de Notícias*, *Diário Carioca*, *Folha Carioca* e *O Jornal*. Além disso, passou a colaborar com a Imprensa Brasileira Reunida Limitada (I.B.R. Ltda), uma agência de notícias de São Paulo, que distribuía matérias de diferentes colaboradores para uma cadeia de mais de duzentos jornais de todo país, entre eles o *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, o qual recebia os textos do escritor alagoano com exclusividade na capital federal (SALLA, 2010, p. 98-99).
- 3
- Graciliano Ramos, *Linhas Tortas*, p.192. Daqui em diante usaremos apenas o número da página entre parênteses após as citações dessa obra.
- 4
- Luís Bueno, *Uma História do Romance Brasileiro de 30*, p. 404.
- 5
- Octávio de Faria, “O defunto se levanta, p. 1-2.
- 6
- Tal obra, iniciada em 1937, teve seu fecho apenas quarenta anos depois, totalizando, ao longo desse período, treze volumes (Ver: SADEK, 1978, p. 115).
- 7
- O embate entre tais escritores era recorrente nos 1930, momento em que portavam-se como verdadeiros antípodas: “Politically speaking, Faria was perhaps the most doctrinaire of Brazilian novelists of the 1930’s, rivaling

even Jorge Amado, who tended to express a fairly orthodox Stalinism in his early fiction” (JOHNSON, 1988, p.161).

- 8
- Trata-se das obras *Maquiavel e o Brasil* (1933) e *Destino do socialismo* (1933).
- 9
- Manuel Bandeira também fora co-diretor do periódico, no entanto, somente ao longo dos sete primeiros números.
- 10
- Alceu Amoroso Lima, “Norte-Sul”, p.123.
- 11
- Para justificar tal afirmação, Faria faz uma diferenciação entre a “história literária”, que por ser mais “condescendente e acolhedora”, poderia considerar, estudar e decompor o modernismo nos seus principais elementos”, e a “literatura” *stricto sensu* que nunca o conheceu e nem o poderia conhecer: “... o modernismo nada produziu de objetivo que se apontar como essencial, como verdadeiramente fundamental para os homens. E não será nunca entre seus principais nomes, entre os seus orientadores, que se irão encontrar os vultos literários da época” (FARIA, 1936, p.49).
- 12
- Octávio de Faria, “A Resposta do Norte (1ª parte)”, p.3.
- 13
- Octávio de Faria, “Excesso de Norte”, p.263.
- 14
- Segundo Bueno, trata-se do texto crítico mais respondido de toda a década (cf. BUENO, 2006, p. 402).
- 15
- Ibidem*.
- 16
- Ibidem*.
- 17
- Octávio de Faria, “Mensagem post-modernista”, p. 49-67.
- 18
- Idem*, “Emílio Moura e Minas Gerais”, p.99.
- 19
- Luís Bueno, *op. cit.*, p.621.
- 20
- Peregrino Junior, “O romance introspectivo de Graciliano Ramos”, p.3.
- 21
- Aydano Couto Ferraz,“Graciliano Ramos, romancista de costumes”, p.6.
- 22
- Thiago Mio Salla, “O fio da navalha: Graciliano Ramos e a revista Cultura Política”, p.127.
- 23
- Para Graciliano, a percepção de que os escritores nordestinos constituíam um grupo diferenciado, vinha desde 1935 quando, em carta ao tradutor argentino Benjamín de Garay, destaca: “A literatura do Nordeste está se afastando muito da do resto do país. É conveniente que você faça relação entre José Lins do Rego, Jorge Amado e Rachel, três romancistas interessantes, muito inteligentes”

(RAMOS, 2008, p.26). Neste mesmo ano, em nova missiva a tal interlocutor, o autor de *Caetés* continua a exaltar as produções recentes do novo romance do Norte, com exceção das obras do autor de *A bagaceira*: “A gente do Nordeste, como se vê, continua a trabalhar danadamente. A literatura do ex-ministro José Américo não me agrada referência aos volumes *O Boqueirão* e *Coiteiros*, saídos ambos em 1935. Mas os livros novos de Zé Lins e do Jorge são bons. Você leu Jubiabá? Gostei. Tem páginas ótimas. Tanto nesse *Jubiabá* como no *Moleque Ricardo*, os pretos estão bem arranjados” (*Idem*, p.28). A partir de 1937, no contexto de polarização política e literária aqui descrito, tal admiração se mantém, mas se converte em militância em favor do romance social e documentário.

Em carta a mulher Heloísa, Graciliano assim se refere à solicitação deste artigo pelo editor da revista, bem como à própria composição do texto: “Afinal falei pelo arame com o diretor da revista e dois dias depois aceitei a encomenda dum artigo sob medida: três páginas, três mil palavras a respeito da influência da economia no romance brasileiro. Como da outra vez, deixei a composição das besteiras para a última hora”. Vale lembrar que o *Observador Econômico Financeiro* era um periódico de orientação direitista, criado nos moldes da publicação norte-americana *Fortune*, por Valentim Fernandes Bouças, secretário do Conselho Técnico de Economia e Finanças do Ministério da Fazenda. Além disso, o veículo era dirigido pelo economista Olímpio Guilherme, futuro presidente do Conselho Nacional de Imprensa e figura importante do Departamento de Imprensa e Propaganda (cf. MENDONÇA, 2008).

Apenas a título de curiosidade, entre os livros que Graciliano levava para o cárcere, depois de ser preso em março de 1936, estava a obra ensaística de Octávio de Faria, *Dois Poetas* (1935) (RAMOS, 1954, p.31). Em tal volume, no qual analisa a poesia de Augusto Frederico Schmidt e Vinícius de Moraes, Faria destaca a posição superior, quase divinal do artista, frente ao homem comum, pois cabia a este recriar “a obra do Criador a luz de sua própria experiência para que os homens melhor a possam compreender” (FARIA, 1935a, p.21).

- 26
- Octávio de Faria, “O defunto se levanta...”p. 1-2.
- 27
- Ibidem*.
- 28
- Ibidem*.
- 29
- Ibidem*.
- 30
- Idem*, “Mensagem post-modernista”, p.50.
- 31
- João Luiz Lafetá, *1930: a crítica e o modernismo*, p.248.

- 32
- Octávio de Faria, “O defunto se levanta...”.
- 33
- Graciliano Ramos, *Cartas*, p.183.
- 34
- Trata-se de um dos personagens centrais do livro de Rachel de Queirós, descrito por Graciliano como “sedutor de prostitutas casadas” (RAMOS, 2005, p.195).
- 35
- Ibidem*.
- 36
- Luís Bueno, *op. cit.* p.404.
- 37
- Octávio de Faria, “O defunto se levanta...”.
- 38
- Tal procedimento crítico utilizado por Graciliano para ressaltar o caráter social de *Caminho de pedras*, de Rachel de Queiroz, e afastá-lo do rótulo de “romance psicológico”, repete-se em outra crônica destinada, por sua vez, a analisar o livro *Pureza*, de José Lins do Rego. Segundo o escritor alagoano, esta obra, que também fora aproximada da literatura intimista (Ver PEREIRA, 1937, p.228), trataria da decadência moral da mesma família depauperada, retratada nos volumes anteriores. Haveria um *continuum* entre ambas (cf. RAMOS, 2005, p.198-201).
- 39
- Os embates entre Jorge Amado e Octávio Faria vêm desde a primeira metade da década de 1930, quando o primeiro, ao engajar-se à esquerda, rompera com os grupos católicos que teriam garantido sua inserção na intelectualidade carioca. Dois anos depois de ter contado com o apoio do autor de *Mundos mortos* para a publicação de seu romance de estreia, *O País do carnaval*, em 1931, pela editora Schmidt (cf. AMADO, 1992, p.422), Amado anunciava a ruptura com o ex-amigo: “eu sou dos que estou muito longe de Octávio de Faria em matéria de ideologia, acredito na vitória da revolução dos operários, não apenas na sua vitória bélica como na reconstrução do velho mundo pelo proletariado” (AMADO, 1933, p.225). Logo em seguida, em resposta, Faria reprova o maniqueísmo da obra seguinte do artista baiano, *Cacau*, em que “todos os ‘de cima’, os ricos, são maus e onde todos os de ‘baixo’ são bons”. (FARIA, 1933d, p.7).
- 40
- Jorge Amado, “Um romance corajoso”, p.267.
- 41
- Jorge Amado, *Capitães da Areia*, 1937 b, p.12-13.
- 42
- Octávio de Faria, “O ódio na atual literatura nacional”, p.291.
- 43
- Luís Bueno, *op. cit.*, p.416.
- 44
- Rui Facó,“Graciliano Ramos escritor do povo e militante do PC”, 1945.